Remuneração baixa nas áreas contratadas à indústria

Nos perímetros irrigados do vale do rio São Francisco, a remuneração média que o agricultor obtém com a fruta está em torno de US$0,40 por quilo do produto de primeira (maiores e mais vermelhos) entregue à indústria. Mas essa remuneração é baixa, considerando que a produtividade média fica em torno de 20 toneladas/hectares/ano (o que ocorre a partir do quarto ano, quando a produção se estabiliza) e que os custos operacionais levantados pela Codevasf são de aproximadamente US$1.977 por hectare, a partir do quarto ano (ver tabela).

No que se refere ao mercado internacional, o Japão é um mercado promissor, mas muito exigente e de difícil penetração. Os japoneses preferem adquirir a fruta congelada *in natura*, devido à preocupação em evitar alterações por perda de vitaminas ou mudanças na coloração, o que pode vir a ocorrer com o esmagamento. A Alemanha, outro grande mercado em potencial, tem aumentado gradativamente as suas compras de polpa, que é utilizada para a produção de *mixed juice*, uma mistura de diversos sucos de frutas muito apreciada na Europa.

ELIANA CONDE B. VIGLIO

VINHOS

Os vinhos brancos de 1994 foram considerados muito bons

O mercado de vinho e derivados surpreendeu por sua boa movimentação, desde o ano passado. De acordo com dados da União Brasileira de Vitivinicultura (Uvibra), em 1993 foram comercializados 292,3 milhões de litros dessas bebidas, sendo 201,2 milhões de litros dos vinhos comuns, o que representou 69% do total.

Os vinhos de viníferas tiveram 43,9 milhões de litros vendidos (15%) e os especiais totalizaram 1,85 milhão de litros. As vendas totais do ano passado superaram em 16% as de 1992, quando se comercializaram 252,6 milhões de litros (180 milhões dos comuns — com 71% do total —, 34,8 milhões dos vinhos de variedades viníferas e 0,9 milhão dos especiais). Ainda não foi igualado o movimento de vendas realizado em 1986 (314 milhões de litros), ano do Plano Cruzado, mas é importante ressaltar o crescimento. Isso demonstra que o subsetor superou o temor da integração das economias do Cone Sul, que prenunciava dias difíceis. Evidentemente, continua sendo feita a reconversão da viticultura, mas no que se refere à vinicultura, há muitos anos o padrão tecnológico aqui implantado permite compensar quaisquer deficiências das frutas. Permanecem, porém, expectativas quanto ao comportamento dos produtores argentinos, desejosos, segundo a Uvibra, de colocar no mercado brasileiro vinho de qualidade inferior a granel, para a produção de vinho comum.

A boa participação dos vinhos de cepas européias constitui um fator positivo. Chegaram ao país nos anos 70 e se disseminaram no Rio Grande do Sul, chegando também ao vale do rio São Francisco, onde a empresa produtora da marca Botticelli cultiva seis variedades asiáticas e européias (Sylvanner, Cabernet Sauvignon, Moscato Canelli, Chenin Blanc, Sauvignon Blanc e Petite Sirah).

Os vinhos de 1994 entraram no mercado no segundo semestre, quando os consumidores começam a degustar o bom tinto da safra de 1991.

Os primeiros vinhos produzidos foram os brancos de variedades precoces e, segundo o Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho, da Embrapa, sediado em Bento Gonçalves, os deste ano estão sendo considerados muito bons. As uvas viníferas entraram mais tarde nas cantinas, e sabe-se que o processo industrial exigirá correção, pois apresentaram baixo teor de açúcar, em razão das chuvas de fevereiro, na Serra Gaúcha. No segundo semestre, o produto da vindima de 1994 começou a ser encontrado com maior disseminação na ponta final do consumo. Os vinhos tintos da safra de 1991, considerados excelentes, também entraram no mercado. Espera-se que a estabilização da economia tenha efeito favorável sobre o consumo, mas permanece a necessidade de campanhas promocionais, ainda mais quando se leva em conta a confirmação dos cronogramas das tarifas alfandegárias do Mercosul. Sempre houve o

temor, entre os agentes econômicos ligados à atividade, de que os consumidores brasileiros viessem a dar preferência aos vinhos dos países vizinhos, vale dizer, argentinos, pela mera curiosidade de degustação de um produto importado, ignorando os notáveis ganhos de qualidade que a vinicultura brasileira registrou nos últimos anos. Considerando-se que as exportações argentinas não se notabilizam pela qualidade, a preocupação faz sentido.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

CARNES

Os vilões da inflação?

No último inverno, época da entressafra de carne bovina, os preços desta e do frango tiraram o sono das autoridades econômicas e assustaram os consumidores, principalmente a partir de meados de outubro. Porém, a comparação dos preços médios reais praticados nos meses de julho a outubro, quando normalmente são mais intensos os efeitos dessa menor oferta, leva a constatações surpreendentes: os valores praticados nesses meses foram os menores desde 1980.

Passados os primeiros meses da implantação do Plano Real, o governo enfrentou dificuldades típicas da época de entressafra agropecuária, no que diz respeito ao abastecimento e aos preços de alguns produtos. Grande destaque foi dado à carne bovina e, por tabela, ao frango, devido aos seus elevados pesos na composição dos índices inflacionários. No caso, o efeito adverso causado pela prolongada seca no Centro-Sul do país, sentido desde o início do segundo semestre até fins de outubro, acentuou os matizes dessa tendência sazonal.

A cada inverno repete-se o quadro de desabastecimento da carne de boi, conseqüência perversa do fato de o gado de corte brasileiro ser criado principalmente de forma extensiva. Assim, a curva de preços reais recebidos pela arroba do boi gordo em geral se eleva anualmente a partir de maio/junho. Cai, após novembro, quando a normalização do período de chuvas leva à recuperação dos pastos, aumentando a oferta do animal para abate.

Por seu turno, a avicultura de corte tradicionalmente aproveita essa fase de aumento dos preços da carne vermelha para recompor suas margens.

Tabela 1
São Paulo — boi gordo (BG), carne bovina no varejo (CB)
Preços mensais reais recebidos — jan./out. 1994
(atualizados pelo IGP-DI para out. 1994)

Meses	BG (R$/kg)	CB (R$/kg)	CB/BG
janeiro	1,91	3,38	1,77
fevereiro	1,87	3,02	1,61
março	1,88	3,16	1,68
abril	1,71	3,17	1,85
maio	1,52	2,88	1,89
junho	1,85	4,19	2,26
julho	1,58	3,49	2,21
agosto	1,65	3,15	1,91
setembro	1,64	3,22	1,96
outubro	2,02	3,70	1,83

Fontes: FGV/CEA, IEA/SP.